



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 247-256, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

SÍNDROME DE DOWN E RELAÇÕES DE INCLUSÃO¹

DOWN SYNDROME AND INCLUSION RELATIONS

Giselle Barros da Silva

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de discutir as relações de inclusão da criança com Síndrome de Down no ensino fundamental, por meio de pesquisa realizada em uma escola pública do município de Sinop, Mato Grosso no ano de 2019. Para a metodologia utilizou-se a abordagem qualitativa, com base em entrevistas semiestruturadas, questionários para colaboradores e observações. Concluiu-se que as relações inclusivas ocorrem de forma lenta, carecendo de um olhar atento, tanto da família quanto da escola. Desta forma, ambas as partes precisam empenhar-se para que ocorra a inclusão da criança com Síndrome de Down dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: Ensino fundamental. Síndrome de Down. Inclusão.

ABSTRACT²

This article aimed to discuss inclusion relations of children with Down Syndrome in Elementary school. The research was carried out in a public school at Sinop city, Mato Grosso State in 2019. For the methodology it was used a qualitative

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SINOP, MATO GROSSO**, sob a orientação do Dra. Edneuzza Alves Trugillo, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2019/2.

² Resumo traduzido pela professora Mestra Betsemens Barbosa de Souza Marcelino. Graduada em Licenciatura Plena em Letras. Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop. 2013. Mestra em Estudos de Linguagens pela UFMT/Cuiabá 2015. Professora Interina do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop.

approach based on semi-structured interviews, questionnaires for employees and observations. It was possible to conclude that inclusive relations occur in a slowly way, which points out the need for a close eye, both from the family and the school. Thus, both involved need to strive for the inclusion of the child with Down Syndrome within the school environment.

Keywords: Elementary School. Down Syndrome. Inclusion.

Correspondência:

Giselle Barros da Silva. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: gisellebarros17@gmail.com

Recebido em: 28 de agosto de 2020.

Aprovado em: 3 de setembro de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4131/2784>

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é de suma importância para a sociedade, porém, ainda existem muitas dificuldades, conflitos e objeções quanto à inclusão. Realizar reflexões sobre esse tema requer e exige compromissos éticos e profissionais com esta realidade, já que existem muitos desafios quanto à inclusão e as relações pedagógicas promovidas com crianças com Síndrome de Down.

Durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, questionávamos se as crianças com Síndrome de Down realmente são incluídas em salas do Ensino Fundamental no ensino regular.

A pesquisa sobre a inclusão da criança com Síndrome de Down, no Ensino fundamental se dá pela necessidade de investigar e compreender as relações que se constituem no âmbito escolar, buscando questionar se realmente ocorre à inclusão dessas crianças.

2 SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down não é assunto de tempos atuais, pesquisadores observaram em pinturas alguns traços de pessoas que portavam essa condição genética, porém são vagas as afirmações sobre tal achado. Jean Esquirol foi um dos primeiros a retratar as características da Síndrome de Down, entretanto foi somente com John Langdon Down por meio de sua publicação sobre a Síndrome de Down que se destacou no meio científico, por esse motivo leva o seu nome. Segundo Santos (2017, p. 14):

Síndrome de “Down”, consiste em uma alteração genética devido à presença de um cromossomo extra em o par 21, o que provoca umas características físicas, bioquímica do sistema nervoso manifestando-se com maior ou menor grau de alteração no desenvolvimento tanto físico como intelectual, podendo variar de leve a profunda.

Também chamada de Trissomia do cromossomo 21, a Síndrome de Down é uma mutação genética no cromossomo 21, sendo um cromossomo extra, como afirma Brian Stratford (1997, p. 4) o indivíduo. “[...] ao invés de dois possui três destes cromossomos específicos”, fazendo com que a criança nasça com a Síndrome de Down, o que afeta o desenvolvimento mental e motor do indivíduo, determinando algumas características físicas e cognitivas.

A pessoa com a Síndrome de Down apresenta características próprias como cita a Secretaria de educação (s/d; p. 16):

Olhos com formato de amêndoas, boca entreaberta, alguns apresentam o hábito de deixar a língua fora da boca, mãos pequenas com dedos curtos, relacionamento fácil, mais propício a ficarem doentes, por causa da imunidade baixa, alguns podem ter problema de visão, apresentando mais lento do que as outras crianças. Além de problemas cardíacos na sua maioria, algumas crianças devem ser submetidas a cirurgias, e ter atendimento especializado entre tantas outras atividades direcionadas a esta criança.

A criança com Síndrome de Down, quando envolvida dentro do contexto familiar, na escola, e nos acompanhamentos fonoaudiólogos e ainda com a devida assistência dada desde cedo, terá mais possibilidades de ter uma vida social comum. Como especifica Tunes (2003, p. 3), “Trissomia não quer dizer, contudo, deficiência. A deficiência nada mais é do que um estigma e, por isso, deve ser rejeitada. Rejeita-se o estigma e não a criança”.

A Síndrome de Down, não é uma doença, trata-se de uma condição de vida do indivíduo. Ele terá que conviver com essas condições e tentar superar as dificuldades que surgirão ao longo da sua vida. O que cabe a nós é enfrentar o preconceito que se têm em relação às crianças, e as pessoas com necessidades especiais, elas são como qualquer um de nós com certas limitações, o que não restringe seus direitos e deveres como qualquer outra pessoa.

Para que isto ocorra deve-se contribuir começando pela inclusão social, para que assim possam se desenvolver, pois as escolas que aceitam as crianças ajudam a desconstruir os mitos em torno do preconceito em relação à Síndrome de Down.

3 A ESCOLA E AS RELAÇÕES DE INCLUSÃO

Toda criança, independente de possuir necessidades especiais ou não, tem direito a educação, no caso das crianças com especificidades esse direito está assegurando por lei. Todos os direitos, principalmente ao atendimento educacional especializado, no ensino regular.

Ao frequentar a escola comum às crianças com Síndrome de Down, aprendem com as demais crianças, em um processo mútuo, a escola possui um potencial significativo na vida dessas crianças, uma vez que ao se estabelecer relações poderão ver as semelhanças e as diferenças que cada indivíduo tem, percebendo as diversidades e reconhecendo que nenhum é semelhante ao outro.

Aprendendo a se conectar com o mundo e ter sua própria visão do mesmo a criança com Síndrome de Down, interage e tem sua autonomia trabalhada para que possa e consiga responder por si mesma, além de ir em busca de respostas, ampliando o seu desenvolvimento cognitivo e expandindo seus conhecimentos.

A escola envolvida no processo de inclusão possibilita que uma criança com necessidades especiais, principalmente a com Síndrome de Down seja incluída, ela desmascarando o preconceito que gira em torno dessas crianças, e realizando sua responsabilidade para o desenvolvimento social da criança.

A escola recebe crianças com algumas especificidades, e procuram apoiar no que a criança necessita, portanto, a escola inclusiva requer ajustamentos no atendimento educacional para todas elas.

A escola é o ambiente em que as relações sociais se complementam, necessitando desenvolver práticas no seu cotidiano em que o ser 'diferente', está associado aos aspectos físicos, cognitivos, culturais e que a convivência com a sociedade e comunidade escolar perpassa pela aceitação do outro.

Assim a escola tem o papel de se ajustar a todas as crianças, e não as crianças a ela, isso pode acontecer por meio da criação de novas estratégias e meios para que o desenvolvimento social, cultural e individual desse sujeito seja alcançado, tendo um papel de grande importância na vida dessa criança e das demais pessoas na convivência entre as diferenças.

Ao falar de uma sociedade inclusiva considera-se que é o respeito às diversidades sendo ela uma só, desde que todos que estão dentro dessa comunidade possam estar usufruindo de todos os direitos humanos de forma igualitária.

A inclusão como o próprio nome diz, pretende incluir, seja na sociedade, no ambiente escolar, nas interações sociais, ao incluir uma criança, ou um adulto ocorreram mudanças, dentro do seu contexto, e em sua vivência. A família deve participar ativamente do processo de inclusão, como Paula (2007, p. 6), "é na família que aprendemos a nos relacionar com os outros. Portanto, a construção dessa sociedade inclusiva começa nas famílias".

A relação que a instituição escolar deve ter com a família é de apoio, de maneira que a escola e a família participem do desenvolvimento e da inclusão que esta criança terá dentro do âmbito escolar, pois é nesse momento que começa a cidadania, os familiares carecem de estar cientes que não estarão sozinhos.

Para que ocorra a inclusão é necessário que a sociedade abra meios para que ocorra esta inclusão, tanto no trabalho, na escola, na convivência do dia a dia é o que fará com que a sociedade seja democrática, que Santos (2017, p. 9) vem afirmar: "A inclusão depende de mudanças de concepções dos valores da sociedade atual. Para que possa inserir novos paradigmas de igualdade e de direitos."

A própria palavra nos faz entender inclusão é incluir de todas as formas, desde o planejamento do professor, a aceitação desta criança com as demais que frequentam a escola, como de acordo com Tuane Lima Machado em seu trabalho **Educação Inclusiva Entre O Ideal e o Real: um estudo de caso em uma escola da rede municipal de Sinop**, Machado (2016, p. 2) nos traz que:

Quando nos referimos à inclusão escolar consideramos a criança não apenas fisicamente inserido no espaço escolar, mas como integrante das relações sociais e das práticas pedagógicas que resultam na participação e aprendizagem.

Tornando assim a inclusão das crianças com deficiência no ambiente escolar e social mais acessível, onde a autonomia das crianças em procurar saber e entender o colega faz com que os laços afetivos e as diferenças físicas não se tornem uma rejeição nem uma barreira.

Neste cenário procuramos discernir como ocorrem as relações de inclusão do ambiente escolar de uma escola pública no ensino regular, sabendo que a inclusão acontece de diversas formas, independente de seus aspectos físicos, psicológicos, cognitivos, levando em consideração que todos têm suas diferenças.

Para falar sobre essa temática foram realizadas algumas perguntas por meio de questionários entregues a uma professora da rede básica de ensino público. Uma das perguntas foi: Qual é a vantagem para alunos que não possui nenhuma deficiência estar com essas crianças?

(01) Professora: A convivência na inclusão né... e saber aceitar as diferenças i a cada mutuamente, por exemplo, a criança que tem uma dificuldade as outras crianças ajudam com o desenho, ajuda com a pintura, a fala, porque a socialização dentro das salas de aula do AEE (Atendimento Educacional Especializado),ela acontece de diversas formas através das brincadeiras dos jogos né, por exemplo, algum tem dificuldade de montar um quebra cabeça, mas já tem outro que tem raciocínio pra quilo, então eles acabam brincando ao mesmo tempo montando, então essa questão e bem relativa de uma criança pra outra.

Como a professora relatou, na questão da pintura, dos jogos, eles ajudam uns aos outros para que os exercícios sejam concluídos, o que ocorre aqui é um exemplo nítido de trocas de aprendizado entre eles, além de vermos como a inclusão pode ocorrer de diversas formas.

A professora utiliza várias atividades para estimular essa relação inclusiva, claro que todas essas atividades são orquestradas de forma adaptada, para que

todos os alunos inclusive o com Síndrome de Down, possam participar ao mesmo tempo em que desenvolvem atividades que inserem coordenação motora, sonoridade de letras, reconhecimento do alfabeto e das vogais, números entre outras necessidades do cotidiano do aluno.

Como podemos observar as relações de inclusão acontece de diversas formas e as próprias crianças vêem e passam a valorizar a importância de fazer a troca de experiências de forma espontânea. A própria convivência de crianças que tenham dificuldades no aprendizado e as demais crianças, faz com que aprendam com a diferença, que todos são iguais, e igualdade está para além de suas diferenças estéticas.

Sendo assim, o ensino-aprendizagem de qualidade para todas as crianças, depende da interação do professor com os alunos, conhecê-los com o objetivo de melhorar o ensino aprendizagem de cada criança, independentemente de sua dificuldade cognitiva.

Observou-se na pesquisa um trabalho notável feito pela escola, pelas auxiliares de pátio e as auxiliares das crianças com Síndrome de Down em relação a socialização e aceitação das crianças.

Além do mais, as demais crianças tendem a aceitar muito bem as crianças com Síndrome de Down por serem mais amorosas, carinhosas, conseguindo realizar bem a interação entre si. Interação essa que ocorre por meio das brincadeiras no horário do parque, quando o lanche é servido, passa-se a quererem sentarem juntos para saborear o lanche.

Podemos observar que as demais crianças acolhem os colegas com síndrome de Down por serem carinhosas, elas conseguem aceitar o próximo sem discriminar, e por um gesto tão simples, se divertem entre si, com o convívio, tendem a protegê-las, sendo elas bem aceitas pelos demais, sempre querem estar ajudando.

A escola em questão soube trabalhar com as crianças a compreensão e tratar com respeito às diferenças, neste ponto, as crianças aceitam muito bem, essa relação de socialização e aceitação das crianças. Conforme a Secretaria Municipal da Educação (s/d; p. 17):

A escola é um importante segmento social que contribui para o desenvolvimento da criança Down, favorecendo o descobrimento de novas conquistas, o estímulo para a linguagem oral e escrita, a comunicação e expressão.

A educação como um todo não dá conta de todas as necessidades, porém, a sociedade, profissionais envolvidos na educação, necessitam de comprometimento na formação, proporcionada na área de Educação Especial.

A formação dos professores faz parte do processo pedagógico da escola, pois são os professores, os propulsores, para a inclusão das crianças em sala de aula, e as interações entre as crianças é de suma importância para as com Síndrome de Down, todas independentemente de sua condição, deve ter o seu espaço para que possa ser vista de forma inclusiva. Para Paula (2007, p. 12).

Ao elaborar os planos de trabalho pedagógico, as escolas assumem o compromisso de oferecer educação de qualidade para todas as crianças, utilizando métodos diferentes para atender as necessidades específicas dos alunos, adequar o processo de ensino as necessidades dos alunos e importante fator para o sucesso da aprendizagem. Nenhum método de ensino da conta, por si só, da variedade de experiências e comportamento dos alunos.

Aos professores que buscam participar das formações que lhes são ofertadas, compreendem que as propostas que oferecidas, visam ajudar nos avanços da aprendizagem das crianças com síndrome tenham seus objetivos alcançados

A responsabilidade do professor, da escola e da família é abrir caminhos para que estas crianças possam fazer parte do convívio social e está em constante desenvolvimento pessoal.

4 METODOLOGIA

Este estudo teve cunho qualitativo, utilizou-se questionários e observação *in loco*, para que pudéssemos observar como ocorrem as relações de inclusão dentro da escola no ensino regular na rede de ensino municipal do município de Sinop-Mato Grosso.

Para isso observamos em sala e fora dela, referente às práticas realizadas no contexto escolar, como as outras crianças se comportam em relação a criança com Síndrome de Down, em relação à socialização das crianças através de atividades, brincadeiras, músicas e danças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou como objetivo, constatar como a inclusão da criança com Síndrome de Down é abordada no âmbito escolar, compreendendo as relações de inclusão e o desenvolvimento das crianças com Síndrome de Down, investigando como a escola proporciona a inclusão, observando como ocorre a socialização, com as demais crianças do seu convívio escolar.

Percebeu-se que a inclusão acontece de forma lenta, e que carece de um olhar mais atento dos envolvidos na vida do aluno com Síndrome de Down. Tanto a família, a escola e os professores, necessitam de um olhar atencioso para a educação das crianças com Síndrome de Down, as mesmas com suas especificidades podem vir a ter uma vida comum dentro das suas limitações.

REFERÊNCIAS

BARROS, Gisele Barros da Silva. Entrevista cedida para **O processo de inclusão da criança com Síndrome de Down no ensino fundamental de uma escola pública de Sinop, Mato Grosso**. Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **Manual de Orientação: Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9936 Acesso em: 18 ago. 2019.

MACHADO, Tuane Lima. Educação inclusiva entre o ideal e o real: estudo de caso em uma escola da rede municipal de Sinop. **Eventos Pedagógicos**, Sinop, v.7, n.3, p. 1348-1362, ago./dez. 2016. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>. Acesso em: 27 ago. 2020.

PAULA, Ana Rita de. **A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva**. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de educação especial, 2007.

SANTOS, Vanice Paula dos. **A percepção e as expectativas dos gestores e docentes das salas regulares sobre a sala de aula: cenário a educação inclusiva.** Sinop/MT, 2017.

STRATFORD, Brian. **Crescendo com a Síndrome de Down.** Brasília: Corde, 1997.

TUNES, E.; PIANTINO, L. D. **Cadê a Síndrome de Down que estava aqui?: o gato comeu...: o programa de Lurdinha.** Campinas: Editora Autores Associados, 2003.